

MÚSICA

DE SEX 10 A SÁB 18 FEVEREIRO 2017

Festival RESCALDO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Produção Culturgest/Trem Azul Comissário Travassos

Textos Rui Dâmaso Ilustração Travassos Parceiros de comunicação Wake Up!

De sex 10 a sáb 18 de fevereiro · 6€ (preço único) · M6

A 10.^a edição do Festival Rescaldo destaca, uma vez mais, muito do que de melhor se fez ao longo do ano no panorama das mais aventureiras músicas nacionais.

Reforçando a sua característica ligação à Culturgest, o festival volta a ocupar, para além do Pequeno Auditório da Fundação, o seu espaço de garagem, redescoberto no ano passado enquanto palco privilegiado para testemunhar algumas das mais robustas atuações do seu programa – casos do trio pan-ritualístico Álforjs e do projeto Ondness –, e aventura-se, ainda, e pela primeira vez no seu historial, numa incursão ao carismático espaço arquitetónico e acústico do Panteão Nacional, no qual atuará, e também pela primeira vez num solo absoluto, a trompetista portuense Susana Santos Silva.

No programa, que passa em revista um ano de 2016 mais uma vez repleto de diversidade estética e de promissoras descobertas, constam, como tem sido cunho do festival, desafios particulares lançados a autores com percursos vincadamente próprios e sem receio de arriscar saídas das suas *zonas de conforto* – casos do solo de piano do músico Marco Franco (até à data reconhecido pelo seu trabalho como baterista), da colaboração entre o norueguês Paal Nilssen-Love e o histórico David Maranhã, ou da formação inédita do fulgurante guitarrista e compositor Bruno Pernadas, a procurar assumir os caminhos da improvisação livre a partir do manancial de referências que tornam a sua música uma celebrada e complexa aventura no atual panorama luso.

O experimentalismo no feminino é outras das marcas deste décimo Rescaldo: para além da supracitada Susana Santos Silva, constam do programa atuações da incontornável Ana Deus, da incisiva Jejunó e das cada vez mais únicas Pega Monstro, numa prova de que a diversidade – todo o tipo de diversidade – é cada vez mais a norma nestas músicas maravilhosamente inclassificáveis que vos convidamos a apreciar.

Programa

Sexta-feira 10 · 21h30

Pequeno Auditório da Culturgest

Duração: 1h45 com intervalo

Marco Franco

Bruno Pernadas Quarteto

Sábado 11 · 21h30

Pequeno Auditório da Culturgest

Duração: 1h45 com intervalo

Luís Lopes · Ana Deus

Domingo 12 · 16h

Panteão Nacional

Duração: 45 minutos

Susana Santos Silva

Sexta-feira 17 · 21h30

Garagem da Culturgest

Duração: 2h

Live Low · JEJUNO

David Maranhã + Paal Nilssen-Love

Sábado 18 · 21h30

Garagem da Culturgest

Duração: 2h

Álforjs · Ondness · Pega Monstro

Sex 10 fevereiro · Pequeno Auditório

Duração: 1h45 com intervalo

**Marco Franco Piano Solo**

Piano Marco Franco

Marco Franco é, desde há pelo menos duas décadas, das mais destacadas figuras do jazz e da música improvisada em solo nacional. Fundou, entre muitos outros projetos, os Tim Tim por Tim Tum e os Mikado Lab, tendo mantido com Nuno Rebelo uma colaboração próxima sob a designação Pocketbook of Lightning, num trajeto que lhe tem vindo a atribuir o estatuto de um dos mais requisitados e multifacetados percussionistas da atualidade. É, ainda assim, pelo menos uma meia surpresa imaginarmos-lo num contexto solo, e em particular num instrumento que, não deixando de ser de percussão, não é de todo aquele que o notabilizou – a bateria. No Pequeno Auditório assistiremos a um momento raro, preenchido pela música de *Mudra*, editado no final do ano: uma música profundamente lírica e meditativa – uma surpresa, mesmo tendo em conta a pluralidade do percurso do seu autor.

Bruno Pernadas Quarteto

Guitarra elétrica, órgão e sampler Bruno Pernadas
 Contrabaixo Francisco Brito Bateria Luís Candeias
 Saxofones Francisco Andrade

Bruno Pernadas é um guitarrista e compositor que, com três álbuns apenas, se constituiu como referência fulgorante e incontornável no, à falta de melhor termo, *pop-rock independente* nacional. Capaz de um rigor composicional de tal forma plural e rico em detalhe e filigrana, e de uma organicidade que aniquila de forma total as fronteiras entre rock, pop, jazz, *funk* ou o que mais queiramos trazer para a conversa, a sua música faz pressentir, quase desde o primeiro contacto, um mundo ainda mais vasto de possibilidades e de lugar para a improvisação quase total.

É precisamente com base nesta premissa que este ensemble – secção rítmica (Luís Candeias, bateria e Francisco Brito, contrabaixo), saxofone barítono/tenor (Francisco Andrade), em estreia absoluta no Rescaldo – se norteia, tendo como ponto de partida o repertório de originais do compositor, e procurando dar às suas ideias-base novo rumo em direção à improvisação livre



em tempo real. Um concerto que se constitui, verdadeiramente, como uma oportunidade única de aceder a uma dimensão mais de um músico já de si prodigiosamente multifacetado.

Sáb 11 fevereiro · Pequeno Auditório

Duração: 1h45 com intervalo

Luís Lopes Love Song

Guitarra elétrica Luís Lopes

Não é exagero considerar a guitarra de Luís Lopes como das mais idiossincráticas vozes das franjas mais experimentais e exploratórias do jazz – quer no contexto de grupos como o Humanization 4tet, ao lado de figuras como Rodrigo Amado e os irmãos Aaron e Stefan González, ou o Lisbon Berlin Trio com Robert Landfermann e Christian Lillinger, quer, e sobretudo, nos seus dilacerantes *noise solos*, o músico lisboeta tem vindo a dar mostras de um estilo único, onde o caos e a explosão são paradoxalmente enquadrados por um controlo e uma direção irrepreensíveis e um foco absoluto na gestão do silêncio. É talvez a partir desta última característica que surge



Love Song – disco lançado em 2016 e que pode, porventura, ter surpreendido os mais desatentos – autêntico enigma feérico, invulgar na sua nudez e dimensão autorreflexiva, e magistral passo em frente no percurso do guitarrista.

**Ana Deus Bruta**

Voz Ana Deus Guitarra e baixo elétrico, banjo e teclados Nicolas Tricot

Na grande maioria dos casos conhecidos, e em particular no universo da pop, o passar dos anos sacia a sede de experimentação e a obra erigida cria uma confortável rede de segurança. Para Ana Deus, cantora sedeadada no Porto a quem devemos um papel substancial nos Ban e, em particular, nos saudosos Três Tristes Tigres, a curiosidade genuína e a necessidade de arriscar parecem agudi-

zar-se a cada novo projeto. Já tinha sido esse o caso dos Osso Vaidoso, que dava continuidade à frutuosa parceria com o guitarrista Alexandre Soares, e parece sê-lo ainda mais com este novo projeto Bruta, em que, acompanhada pelo multi-instrumentalista Nicolas Tricot se atrai sem rede ao desafio de musicar a poesia de autores atormentados, loucos, deprimidos, perturbadores – como Ângelo de Lima, Mário de Sá-Carneiro ou Sylvia Plath.

Dom 12 fevereiro · Panteão Nacional

Duração: 45 minutos



Susana Santos Silva

Trompeta Susana Santos Silva

Susana Santos Silva é, desde há pelo menos meia década, um caso realmente sério do jazz nacional, contando com um percurso vertiginosamente ascendente que a afirma como uma das figuras de proa do cada vez mais vivo jazz na cidade do Porto, em particular através da editora e associação Porta-Jazz, da qual é um dos fundadores, ou da Orquestra de Jazz de Matosinhos. É, no entanto, pela sua afirmação inter-

nacional (como tantas vezes sucede) que as atenções dentro de portas têm ganho maior dimensão – em particular pela sua colaboração próxima com o contrabaixista sueco Torbjorn Zetterberg ou com a prodigiosa pianista eslovena Kaja Draksler, com os quais gravou alguns dos mais belos discos em formato duo saídos do panorama europeu nos últimos anos.

Nesta edição do Rescaldo apresenta-se naquela que será a sua primeira atuação pública a solo, na primeira vez que o festival se desloca até ao Panteão Nacional, local cuja acústica inimitável promete constituir-se como parceiro ideal para o sopro magnético e exploratório da versátil trompetista.

Sex 17 fevereiro · Garagem Culturgest

Duração: 2h

Live Low

Voz Ece Canli **Guitarra elétrica** Gonçalo Duarte **Baixo elétrico** Miguel Ramos **Eletrónica** Pedro Augusto

A pouco e pouco – e finalmente – o vasto campo a que podemos chamar de música moderna portuguesa (quer seja pop, rock, jazz ou marcadamente



© Tiago Frois

experimental) tem vindo a abraçar sem complexos uma ideia de “portugalidade” que extravasa o olhar distante, irónico e inadequadamente *kitsch* a que as referências ao cancionero tradicional pareciam ser irremediavelmente condenadas. Os Live Low, notável quarteto portuense que presta um contributo mais a esta *descomplexificação* em curso com o seu primeiro longa-duração *Toada* (2016), levam o ouvinte numa jornada de sol a sol por um imaginário rural, contemplativo e ascético, com baixo e guitarra a pincelar ecos do bom *post-rock* do princípio do século (via Tortoise ou Labradford), e a voz de Ece Canli a surgir, por entre um quadro predominantemente instrumental, como um pilar extra de placidez e melodia, em particular em *Lembra-me um sonho lindo*, revisitação particularmente feliz do original de Fausto Bordalo Dias.

JEJUNO

Eletrónicas Sara Rafael

Jejuno é o *nom-de-guerre* de Sara Rafael, fotógrafa e artista plástica de Lisboa que tem vindo, no último par de anos, a dar a conhecer a sua dimensão



© Maria Reis

de autora sonora, inserida num universo em louvável expansão de criadoras (assim mesmo, no feminino – lembremo-nos, por exemplo, de Raw Forest, Bleid ou da compilação lançada em 2016 pela editora Labareda) que fazem dos sintetizadores digitais ou analógicos portal para uma exploração profunda de um certo psicadelismo *noir* tangencial às dança.

O primeiro lançamento, homónimo, de Jejuno, também no passado ano, revela uma notável condução de impulsos e estímulos, erigindo, a partir da transmutação de uma paleta sonora de monocromatismos que parecem autoimpostos, peças plenas de movimentos internos, de portos de chegada e de lançamentos elétricos rumo ao desconhecido.



© David Queiroz / © Ziga Korfmik

David Maranhã + Paal Nilssen-Love

Teclados David Maranhã
Bateria Paal Nilssen-Love

Primeiro encontro em palco de dois músicos que constituem reconhecidas referências das músicas experimentais nos seus respetivos países: Paal Nilssen-Love, norueguês, é um dos

mais ativos percussionistas do jazz livre europeu e um ponta de lança de saudáveis miscigenações entre músicos europeus e norte-americanos nos recentes anos, bem como de múltiplas dinamizações de barreiras entre estilos e abordagens (recordamos o seu trabalho frequente com artistas de linhagens bem distantes do jazz, como sejam Lasse Marhaug ou Terrie Ex).

David Maranha, por outro lado, continua a ser reverenciado como fundador dos Osso Exótico, formação pioneira na transgressão de fronteiras musicais em Portugal, mas também pela constância e riqueza de um percurso de mais de duas décadas em que a sua linguagem se tem tornado a cada momento mais própria e imediatamente reconhecível, seja no seu trabalho a solo, seja nas formações que tem vindo a liderar ou nas inúmeras colaborações que tem vindo a desenvolver – algumas delas com percussionistas do calibre de Will Guthrie, Gabriel Ferrandini ou Z'ev, nas quais poderemos, talvez, encontrar pistas para o que esperar deste encontro com Nilssen-Love.

Sáb 18 fevereiro · Garagem Culturgest
Duração: 2h

Ålforjs

Bateria, percussão Raphael Soares **Contrabaixo, percussão e voz** Bernardo Álvares **Saxofone alto, eletrónicas, percussão e voz** Mestre André

Os Ålforjs são um trio nascido como consequência direta da participação dos seus membros num *workshop* con-

duzido por Carla Bozulich no âmbito da edição de 2014 do OUT.FEST, que se propunha a, entre outros feitos, qualquer coisa como “destruir toda a música e conhecimento até que só reste a beleza e nela se possa desaparecer”. Se tão ambicioso objetivo foi ou não alcançado será matéria para outros textos, mas a verdade é que o aparecimento da música de Ålforjs (Raphael Soares na bateria, Bernardo Álvares no contrabaixo e Mestre André nas eletrónicas e saxofone) – pelo seu minimalismo processual em conjugação com uma propulsão *rockeira* e ritualista,



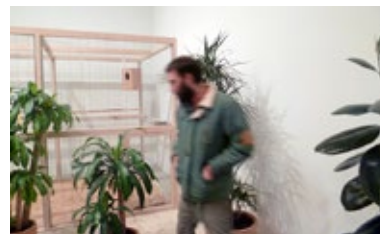
pela busca e consequência de estados e momentos hipnóticos e neo-xamânicos por onde passam o jazz, o rock, a improvisação, a África mais recôndita ou o mais académico experimentalismo eletroacústico, revela sem sombra de dúvida uma energia primordial que evoca novos princípios e ausência de fronteiras. A sua atuação no Rescaldo assinala o lançamento do seu segundo trabalho de longa-duração, *Demons I.O.*, com selo Shhpuma.

Ondness

Elétrónicas Bruno Silva

Do percurso de Bruno Silva, das figuras atualmente mais estabelecidas, criativas e ativas na comunidade de música independente lisboeta, consta a fundação do duo Osso e uma participação reiterada no coletivo Frango, ambos bandas com papel importante no estabelecimento da riqueza dessa mesma comunidade na primeira década deste século. Ondness, o projeto que nos últimos anos mais o tem ocupado, granjeando-lhe um reconhecimento e notoriedade que o tem levado a vários cantos do mundo – quer em atuações ao vivo quer em edições discográficas – resulta de uma aprendizagem acumulada por vários anos e várias músicas e de um invulgar reconhecimento e apropriação das várias franjas da cultura popular contemporânea.

Os materiais que manipula em esculturas e paisagismos quase sempre de base eletrónica evidenciam uma peculiar recusa de soluções e resoluções sonoras evidentes ou de metronomias certas que intriga profundamente, sendo particular testamento desta



estranheza a recente revisitação que do seu espólio foi feita pelo trio de Gabriel Ferrandini, Hernani Faustino e Pedro Sousa, músicos que habitam esferas – as do jazz – aparentemente tão distantes da sua.



© Sira Rafael

Pega Monstro

Guitarra elétrica Maria Reis **Bateria** Júlia Reis

Parece ainda estranhamente recente o momento em que os mais atentos se depararam com uma pequena maravilha de nome *O Juno-60 nunca teve fita*, concretizada por uma dupla de irmãs mal saídas da adolescência, que provocou com estranhas reminiscências o sentido de surpresa que, mais de 15 anos antes, uma k7 de nome *Have you slept with your TV set*, dos saudosos Pinhead Society, havia conseguido provocar.

Desde então, e passados exatamente seis anos, o nome Pega Monstro é já sinónimo de destaque inevitável em qualquer lista que se proponha exemplificar o que de mais único, mais bravo e mais vibrante se faz na música portuguesa, sendo o disco homónimo de 2012 e o espantoso *Alfarroba*, lançado em 2015 pela britânica Upset The Rythm, teste-

munhos do talento único das irmãs Júlia e Maria Reis – que continuam a cantar um português real, tão miraculosamente real como aquele que é falado, quotidianamente, por toda a sua geração, e a, sobretudo, materializar numa obra que é sonicamente direta, simples e comovente – na exata proporção em que é subtil, complexa e excitante – o rock em estado realmente puro.

Próximo espetáculo

History History History

de Deborah Pearson

Teatro Qua 22, qui 23 de fevereiro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12



© Paul Blakemore

Um documentário ao vivo sobre um cinema, uma estrela de futebol, uma família e os acontecimentos que nos trouxeram até aqui. Com resultados muitas vezes hilariantes, Pearson projeta e traduz livremente um filme húngaro de 1956 que vai dando lugar as histórias de um escritor que perdeu o nome, de um ator que perdeu a voz e de um país que perdeu a revolução.

Próximo espetáculo de música

Ricardo Toscano e João Paulo Esteves da Silva

Ciclo “Jazz +351”

Jazz Sex 24 de fevereiro

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6



© Flávio Pereira

Ricardo Toscano e João Paulo Esteves da Silva não podiam ser músicos mais diferentes: o primeiro é um “menino-prodígio” do saxofone, inteiramente voltado para a herança afro-americana do jazz; o segundo é um veterano – para muitos o melhor pianista de jazz em Portugal – que tem procurado dar ao género uma identidade portuguesa.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Delfim Sardo

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Miguel Caissotti

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD · Rua Arco do

Cego nº50, 1000-300 Lisboa

21 790 51 55 · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo



PANTEÃO
NACIONAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA

PATRIMÓNIO
CULTURAL

CULTURA